

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

ANNA CLISLEY BARBOSA DE SOUZA

A HISTÓRIA DAS MULHERES EM *TORTO ARADO*

CAMPINA GRANDE-PB

2022

ANNA CLISLEY BARBOSA DE SOUZA

A HISTÓRIA DAS MULHERES EM *TORTO ARADO*

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra

CAMPINA GRANDE-PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

S729h	<p>Souza, Anna Clisley Barbosa de Souza. A história das mulheres em <i>Torto Arado</i> / Anna Clisley Barbosa de Souza. – 2022. 37 f.</p> <p>Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância. Orientadora : Prof^a. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra.</p> <p>1. Análise literária. 2. Imagem da mulher. 3. Violência contra mulher. 4. <i>Torto Arado</i> - Romance I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 82.09-055.2</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANNA CLISLEY BARBOSA DE SOUZA

A HISTÓRIA DAS MULHERES EM *TORTO ARADO*

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

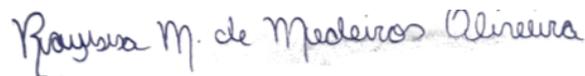
Orientador: Prof (a) Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra

Aprovado em 07 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Presidente: Prof^a. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra – IFPB



Examinadora: Prof^a. Dra. Rayssa Mikelly Medeiros de Oliveira – UFPB



Examinador (a): Prof. Dr. Taffarel Bandeira Guedes – UFPE

Dedico este trabalho de conclusão de curso a minha família, amigos e mestres que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a sua concretização.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por permitir que eu possa aprender a ser uma pessoa melhor a cada dia, nunca me abandonando nos momentos mais difíceis, sendo o meu amparo e refúgio.

A minha mãe Maria do Carmo e a minha tia Maria das Neves, também minha mãe, pela paciência, dedicação, doação, ensinamentos, incentivos, acompanhamento e amor incondicional, em todos os momentos de minha vida. A minha avó Josefina (*in memoriam*), por toda sabedoria e amor dedicados a mim e ao meu avô Joaquim (*in memoriam*), mesmo sem sua presença física está sempre presente em meu coração, por ter sido a minha referência paterna, me transmitindo amor, carinho, sabedoria, dedicação, por ter me alegrado quando estava triste e por ter me esperado no portão quando estava chegando da escola. Obrigada pelos sacrifícios que vocês fizeram em razão de minha educação e tenham certeza de que sem vocês nada na minha vida seria possível.

A Ramon Wendell, meu esposo, amigo e companheiro, por estar do meu lado ao longo de todo curso e aos meus filhos Maria Cecília e Joaquim Rafael, duas crianças lindas e inteligentes, tornaram-se meu combustível diário de superação, determinação e amor incondicional, sendo a minha força para superar os reveses da vida.

A minha orientadora, professora Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra, pela paciência, compreensão, pelo exemplo de profissionalismo, sabedoria na tomada de decisões e brilhantismo ao lecionar, por me apresentar uma das melhores obras já lida, *Torto Arado*.

Aos amigos que fiz durante o curso, em especial a Alane Ramos Barbosa, obrigada por sua amizade, por me acolher em sua casa, nos momentos que mais preciso, mas acima de tudo, obrigada pelas boas risadas, orientações, ensinamentos, preocupação, por confiar em mim e por termos construído uma amizade despreziosa e desinteressada, somos amigas, não importa a hora do dia e nem da noite.

Aos funcionários da Universidade e Coordenadores do curso, pelos esforços, dedicação e ensinamentos ao longo desses anos.

Enfim, obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês. Meus eternos e sinceros agradecimentos.

“Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.” (Vieira Júnior, Torto Arado).

RESUMO: O presente trabalho tem como foco a configuração da mulher no romance *Torto Arado*. Por meio da narração das irmãs Belonísia e Bibiana e da encantada Santa Rita Pescadeira os acontecimentos na fazenda Água Negra se descortinam ao leitor. Nesse sentido, este trabalho busca explorar a obra, realizando uma análise das figuras femininas no romance, em especial as narradoras e sua situação de submissão, exploração, violência e subversão. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que busca traçar o perfil das personagens femininas, apontando debates que permitem pensar o feminino na condição das mulheres pobres e pretas que vivenciam as desigualdades sociais e de gêneros, provocadas por uma sociedade opressora e machista. Ao final desse estudo conclui-se que apesar de toda a força e poder representados pelas mulheres no romance, o poder patriarcal, que se origina a partir de uma sociedade com bases machistas e preconceituosas, é elemento definidor das ações e reações dos personagens. O fardo de nascer em uma sociedade em que a classe social e a cor falam mais alto é, indubitavelmente, o solo mais seco que o indivíduo tem que cultivar, e dele só nasce a miséria do preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Violência. Sobrevivência. *Torto Arado*.

ABSTRACT: The present work focuses on the configuration of women in the novel *Torto Arado*. Through the narration of the sisters Belonísia and Bibiana and the enchanted Santa Rita Pescadeira the events on the Água Negra farm are revealed to the reader. In that sense, this work seeks to explore the work, performing an analysis of the female figures in the novel, especially the narrators and their situation of submission, exploitation, violence and subversion. Therefore, qualitative research was carried out, of an exploratory nature, which seeks to trace the profile of the female characters, pointing out debates that allow thinking about the feminine in the condition of poor and black women who experience social inequalities and genders, provoked by an oppressive and sexist society. At the end of this study it is concluded that despite all the strength and power represented by women in the novel, patriarchal power, which originates from a society with sexist bases and prejudiced, is a defining element of the characters' actions and reactions. the burden of to be born in a society where social class and color speak louder is, undoubtedly the driest soil that the individual has to cultivate, and from it only the misery of prejudice.

KEYWORDS: Woman. Violence. Survival. *Torto Arado*.

INTRODUÇÃO

O livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior¹, foi lançado pela Editora Todavia, no ano de 2019. No ano seguinte, foi vencedor do Prêmio Jabuti de melhor romance literário e do Prêmio Oceanos de Literatura; tais prêmios são os mais cobiçados no cenário literário nacional. A história tem como cenário o sertão nordestino brasileiro, especificamente o interior da Bahia, numa fazenda que acolhe uma comunidade quilombola. O enredo gira em torno da história trágica de duas irmãs, Bibiana e Belonísia e do mistério que permeia suas infâncias. Logo de início, o efeito trágico da história comparece na passagem em que as irmãs encontram a faca de sua avó, as duas colocam o objeto cortante na boca e uma delas perde a língua. Essa tragédia aproxima as irmãs de uma forma em que uma passa a ser a outra, até que, na adolescência, uma das irmãs abandona a região em busca de uma vida melhor, trazendo inovação para a trama.

O livro é dividido em três partes, a primeira intitulada *Fio de Corte*, a segunda *Torto Arado* e a terceira *Rio de Sangue*, cada uma delas narrada por personagens femininas, evidenciando a importância da mulher na trama - a partir da cultura nordestina ligada a crenças, lendas, religião, escravidão, seca, violência, misticismo, destacando-se, em meio a tudo isso, o amor pela terra. É importante destacar que, mesmo a obra trazendo aspectos muito próximos à realidade, objetos de discussão na sociedade, não se pode deixar de vislumbrá-la a partir do seu caráter ficcional.

Vale lembrar que, desde o início da história, as questões que dizem respeito à subordinação da mulher às determinações do homem, as relações de semiescravidão ainda existentes em alguns lugares, sobretudo no meio rural, são apresentadas ao leitor

¹ Itamar Rangel Vieira Junior nasceu em Salvador (BA), em 1979. Possui Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA (Universidade Federal da Bahia). Graduação (Licenciatura e Bacharelado - 2005) e Mestrado em Geografia (2007). Doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA. É Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O romance *Torto Arado*, publicado pela Todavia, em 2019, venceu o Prêmio Leya, e recebeu os prêmios Oceanos e Jabuti.

como reflexos de um passado escravista mal resolvido, arraigadas de preconceito racial, disputas por terras, tal como afirma Vieira em entrevista à DW Brasil (2021):

As relações de servidão ainda são muito presentes no campo brasileiro [...] isso remonta ao nosso passado escravagista mal resolvido, que nos legou um racismo estrutural e relações de trabalho muito precárias, principalmente onde o Estado está ausente, a Justiça está ausente — e aí eu falo do campo brasileiro. (apud VEIGA, 2021)

A obra estabelece uma conexão com essa realidade por meio das reminiscências de Belonísia e Bibiana e das descrições de vivência na fazenda Água Negra. Ao mesmo tempo em que as descrições e a história se constroem, o enredo faz surgir personagens fortes, porém dentro de uma relação de subordinação e manutenção do sistema. Os personagens principais estão submetidos às regras impostas, aos costumes, aos métodos de trabalho pesado por falta de escolha, às relações de exploração, tornando-se assim sobreviventes. Tudo isso, no entanto, se entrelaça com a religiosidade, o misticismo, a crença, que apontam para um caminho de redenção, de poder, de força motivadora. É através do Jarê², religião de matriz africana, encontrada somente na Chapada Diamantina, no centro do estado da Bahia, que todos esses aspectos se encontram e confluem para o desenvolvimento de um fator crucial na narrativa: o poder da religiosidade. Desse contexto, também surge a figura de Zeca Chapéu Grande, pai das personagens principais, líder do Jarê, que assumia a função de curandeiro, religioso e parteiro - esta última função herdada de sua mãe e, posteriormente, repassada para sua esposa Salu (mãe de Belonísia e Bibiana).

Além de todas essas relações, comparecem a vivência no meio rural e o sistema de exploração, em que o trabalho era moeda de troca por moradia em casas de barro, já que não era permitido construí-las em alvenaria. Era permitido cultivar a roça para o próprio sustento, mas essa permissão só acontecia após o trabalho para o dono da fazenda, trabalho este que acontecia durante todos os dias da semana, sem remuneração decente e sem descanso, ou seja, muito trabalho e nenhum direito. Como se não bastasse, a aposentadoria era um sonho distante:

² Há poucos trabalhos antropológicos que tenham como objeto o estudo do Jarê. As escassas pesquisas dão conta de que o Jarê foi elaborado pelas “nagôs”, senhoras negras que, no século XIX, vieram para a região no surto de povoamento desencadeado pela descoberta de diamantes nas serras da Chapada. Sobre a investigação do culto do Jarê, do ponto de vista etnográfico e antropológico, destaca-se de forma imperativa a tese de doutorado de Gabriel Banaggia, intitulada: *As forças do Jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*.

Que para aposentar era uma humilhação, pedir documento de imposto ou daterra para os donos da fazenda. Os homens se amarravam para entregar alguma coisa, além de explorar o trabalho sem pagamento dos que iam se aposentar. Às vezes chegava o dia de ir para a Previdência e o povo não havia conseguido reunir os documentos de que precisava (VIEIRA- JÚNIOR, 2021, p. 14).

É necessário entender as questões raciais como situação de racismo, a partir de uma perspectiva inserida nos escritos de Lélia Gonzales (1988) sobre amefricanidade, ao tratar do racismo das mulheres descendentes de índios e negras a que a autora chama de “capitalismo patriarcal-racista” e apresenta outros motivos para os movimentos femininos negros:

Para nós amefricanos do Brasil e de outros países da região – assim como para as ameríndias – a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer outra pelo racial. Exploração de classe discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum entre homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada. (GONZALEZ, 1988, p. 18).

Sendo assim, é preciso analisar as questões raciais atreladas ao gênero, como forma de escancarar as desigualdades sociais cada vez mais presentes na realidade e assim entender a interseccionalidade dentro do contexto patriarcal, o que corrobora para entendermos a estrutura social e suas nuances. Para Crenshaw (2020, apud Teixeira) a interseccionalidade é:

a articulação de eixos de poder e de discriminação que estruturalmente produzem opressão, desatacando os eixos de racismo, patriarcado e a estrutura de classe. Atualmente falamos em cisheteropatriarcado, adicionando a esses eixos as categorias de identidade de gênero e de sexualidade, além de outros eixos que se articulam, produzindo opressões.

Nesse contexto de exploração, racismo e inferioridade, as mulheres sofrem com a violência imposta à comunidade, não apenas a estrutural, mas, no dizer de Saffioti (2002), também “*aquelas formas específicas decorrentes de sua condição de gênero.*”

Ressalte-se que a violência de gênero é campo aberto para se analisar qualquer tipo de violência, como a física, psicológica, sexual. Angela Davis reflete sobre essa questão, admitindo que é preciso relacionar a violência de gênero a "violências institucionais" para buscar outras maneiras de combater o sexismo. Interpretando e reiterando a posição de Davis, Alê Alves assim se posiciona:

Não são as pessoas individualmente que decidem que a violência é a resposta; são as instituições ao nosso redor que estão saturadas de

violência. Se o Estado usa a violência policial para solucionar problemas, há a mensagem de que a violência também pode ser usada para resolver problemas em outras esferas como os relacionamentos. Não podemos excluir a violência de gênero de outras violências institucionais.

Dessa forma, em muitos momentos no romance, são identificados esses tipos de violência, como por exemplo, a sexual, quando as meninas são utilizadas como objeto de uso; na obra elas casam e vivem submissas aos seus maridos, replicando uma prática comum: os casamentos aconteciam de maneira imposta pelos pais ou por interesse, as mulheres tinham a função de procriar e satisfazer sexualmente seus maridos, cuidar dos trabalhos domésticos, além de trabalhar na roça. Como exemplo, é possível citar Belonísia quando aceita morar com Tobias:

Depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, **não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho.** Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. (VIEIRA JR, 2021, p.114, grifos nossos).

Assim, fica clara a compreensão por parte de Belonísia de sua condição e de sua função no casamento. Ela vai entendendo que, para Tobias, ela não passa de um objeto de uso e que sua vida se resumia a realizar trabalhos domésticos, satisfazer o marido, cumprindo assim o seu papel de esposa.

Pensando nisso, esse artigo objetiva, por meio de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, traçar o perfil das personagens femininas na obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, apontando debates que permitem pensar o feminino na condição das mulheres pobres e pretas que vivenciam as desigualdades sociais e de gêneros, provocadas por uma sociedade opressora e machista, perpetuadas desde o Brasil colonial. Da raiz dessa caracterização, advêm os problemas enfrentados pelas mulheres pretas descendentes de escravos que viviam em situação de servidão na fazenda Água Negra.

A pesquisa tem como objetivos específicos identificar o papel da mulher no Romance; caracterizar a figura feminina dentro de uma sociedade semiescravista dentro do romance *Torto Arado*; explicar a mulher forte e guerreira diante da posição de submissão imposta pela realidade social dentro do romance.

O trabalho divide-se em duas partes, a saber: i) a primeira intitulada “A transfiguração das mulheres em *Torto Arado*: Subalternização e Silenciamento”, trata da situação vivenciada por mulheres no romance no sertão da Bahia em condição de

Semiescavidão; ii) a segunda parte tem como título “As mulheres narradoras de *Torto Arado*.”

Por fim, nas Considerações finais, aponta-se uma compreensão, a partir da análise do texto, de que, apesar de toda a força e poder representados pelas mulheres no romance, o poder patriarcal, que se origina a partir de uma sociedade com bases machistas e preconceituosas, é elemento definidor das ações e reações dos personagens. Ainda assim, identifica-se na obra a luta diária feminina contra as desigualdades sociais que são agravadas nas camadas mais baixas e ficam visíveis entre mulheres pretas e pobres.

I- A TRANSFIGURAÇÃO DAS MULHERES EM *TORTO ARADO*: SUBALTERNIZAÇÃO E SILENCIAMENTO

O autor do romance, que vivenciou de perto a luta pela reforma agrária, recolheu rico material que compõe a obra *Torto Arado*, sobretudo questões que apontam para as relações de semiescavidão, discriminação racial, preconceito, além da luta constante pela terra. Todos esses temas estão presentes no livro *Torto Arado*. Em entrevista à DW Brasil (2021), Vieira afirmou: “O fato de meu trabalho estar diretamente ligado às pessoas que estão engajadas nesta luta, pela redução da desigualdade e tantas outras questões ligadas à terra, à luta pela terra, me ajudou a ter um olhar diferenciado sobre o assunto.”

Nesse sentido é importante destacar que a obra é uma repercussão clara do âmbito social, pois, conforme Candido (2006. 35), o artista por impulso segue os padrões de sua época para criar um tema, a partir das formas e a síntese do resultado age sobre o meio existente. Assim, todo processo de comunicação precisa do comunicante, um comunicado, que no caso é a obra e o efeito do processo, reafirmando a certeza que literatura e sociedade caminham em paralelo:

Este caráter não deve obscurecer o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos. Neste sentido, depende essencialmente da intuição, tanto na fase criadora quanto na fase receptiva, dando impressão a alguns, como Croce, que exprime apenas traços irreduzíveis da personalidade, desvinculados, no que possuem de essencial, de quaisquer condicionantes externos.

A trama narra a vida de pretos originários dos quilombos, descendentes de escravos libertos, na fazenda Água Negra, localizada na Chapada Diamantina, interior da Bahia. Os trabalhadores viviam num sistema de servidão, recebiam o direito à moradia com estrutura feita de barro, sem possibilidade de construção de alvenaria. Eles podiam cultivar roças em seus quintais, quando não estavam cultivando a terra para o dono. Criavam animais para consumo próprio e ganhavam algum dinheiro

quando vendiam, na feira, parte do que cultivavam em seu espaço - produtos como abóbora, feijão, batata - ou após conseguirem aposentadoria rural, situação que não era fácil para o período. Além disso, não tinham dia para descanso, ou seja, evidenciando uma realidade de exploração de trabalho.

Toda a narrativa evidencia aspectos que se ligam ao regionalismo, expondo as belezas do campo e a pureza dos seus habitantes, mostrando os pontos de precariedade e abandono a partir das decisões do poder público e do jogo de interesse, visita o passado, mostrando os dramas pessoais das personagens, lutas de grupos, de gêneros, mostrando a vida da comunidade quilombola, com participantes sofredores e oprimidos. Na obra, destaca-se o Brasil colônia a suas nuances, principalmente através do povoado da Fazenda Água Negra, os habitantes são de maioria negros, dando continuidade ao processo de escravidão. Segundo Bosi (2018):

O Nordeste, de onde vieram os clássicos do neorealismo, tem concorrido com uma copiosa literatura ficcional, que vai do simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem. (BOSI, 2018, p.385).

Inicialmente a fazenda se mostra repleta de muitas riquezas. Nas cheias dos rios Utinga e Santo Antônio era possível a pesca; as chuvas aconteciam de forma regular, trazendo fartura para todos. Com o passar dos anos, tudo foi ficando diferente: a seca passou a castigar cada vez mais e as condições de vida tornaram-se muito precárias. Por sua vez, casas de alvenaria continuavam proibidas, o que implicava que os moradores, após cada chuva, deveriam reconstruir a sua moradia em barro. A impossibilidade de construção de casas de alvenaria denuncia outra questão: a certificação de que as casas eram feitas para não resistir ao tempo, ou seja, eram temporárias, o que impedia qualquer vinculação de posse com a terra.

Com o passar dos anos, figuras importantes para a comunidade e para a economia da obra vão deixando a vida física como Donana e Zeca Chapéu Grande, curandeiro e líder religioso do Jarê, restando na fazenda as mulheres que continuavam lutando por sua sobrevivência e de sua família. Nesse contexto, Bibiana e Belonísia são centrais nos processos de mudança e de ressignificação da história e da identidade dos

moradores da fazenda.

O fato é que a obra reflete uma situação que acontece desde os primórdios da história: subalternização e silenciamento. Davis (2016) ressalta que o suposto conceito de fragilidade feminina e de rainha do lar, apesar de questionável e falho, pode ser atribuído às experiências e realidade das mulheres brancas e não às mulheres negras, pois a história das mulheres negras caracteriza-se pelo trabalho bruto, pesado antes e após a abolição. De amas e escravas dos brancos, tornaram-se empregadas domésticas, serviçais, capazes de exercerem qualquer outra função subalterna em prol da sua sobrevivência e de sua família.

Na obra, são trabalhadores que tiveram seus direitos negados, sua voz silenciada, sua religião apagada, que trazem na luta diária travada na aridez do sertão um símbolo de resistência. Desse processo de resistência emanam outras questões que expõem temas como ancestralidade, violência e poder feminino. Mais importante é o processo de tomada de consciência, sobretudo pelas mulheres, das desigualdades e injustiças sociais, do sofrimento com a marginalização religiosa, da exclusão e da negação de direitos. Essa tomada de consciência se verifica, por exemplo, quando Bibiana se refere à submissão histórica e à instabilidade da vida: “seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 83).

Na fazenda Água Negra, com a morte dos dois líderes familiares e comunitários, Severo e Zeca Chapéu Grande, as mulheres subalternizadas e silenciadas pela sociedade, assumem o poder na comunidade. Como destaca Davis (2016, p. 62-82), o lugar da opressão possibilita à mulher negra pensar fortemente sobre as mudanças urgentes que precisam ser realizadas, mas não sem muita luta e coragem. Importante ressaltar que, no romance *Torto Arado*, é a voz feminina que narra a história, é sob a perspectiva de Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira que os fatos se desenvolvem. Nesse sentido, o episódio do corte da língua que introduz o romance diz muito sobre silenciamento, sobre poder da voz e sobre cumplicidade. A perda da voz por uma das irmãs é motivo para que elas se unam e se tornem um grande símbolo de resistência, poder e de luta pela urgência de fala. A luta pela igualdade e justiça social unifica as vozes das narradoras numa relação simbiótica.

A transfiguração das mulheres em *Torto Arado*, sobretudo a configuração de Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira apresenta uma nova realidade, apartada da visão estereotipada e colonial que reservou à mulher negra, ao longo do tempo e da história, um lugar de subalternidade, de jugo, de dependência. As protagonistas narradoras se insurgem contra um sistema de dominação e exploração sem deixar à mostra, de forma explícita, as diversas violências a que são submetidas.

No romance, a vida das mulheres não pode ser considerada fácil, elas enfrentam uma labuta dura, rotina pesada de trabalho domésticos, a lida na roça, as várias gestações, em algumas situações, episódios frequentes de violência doméstica, como Maria Cabocla, constantemente agredida por Aparecido, seu marido, que culpava a bebida por suas atitudes agressivas:

Aparecido chorou, pedindo perdão, dizendo que ele não era de fazer isso, que a bebida era uma desgraça em sua vida. Maria Cabocla aproveitou a fragilidade que ele transparecia para afastá-lo de vez. Mostrava as marcas do corpo, as que pareciam estar curadas, as que não curaram e as daquele instante.”(VIEIRA JR, 2021, p. 150).

Torto Arado traz a lume questões prementes que, ainda e cada vez mais, se presentificam na sociedade, a despeito dos avanços da informação, das garantias legais e de todo o movimento feminista. A violência contra a mulher compõe o quadro de realidade e de denúncia no romance. Por óbvio, tal violência não é isolada e se situa num espectro mais amplo de violência produzida socialmente, que inclui violações sistemáticas orquestradas contra os direitos econômicos e políticos da mulher. Historicamente, essas agressões afetam mais diretamente as mulheres de minoria étnica e da classe trabalhadora, pois o poder patriarcal está ligado à ideia de que a mulher é um objeto. “O poder do patriarca alicerça-se na ideia arraigada nos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que se exerce no interesse deles próprios” (ZINANI, 2006, p. 59-60).

II - AS MULHERES NARRADORAS DE *TORTO ARADO*

No romance, as grandes figuras em destaque são as mulheres, apresentadas inicialmente pelas irmãs protagonistas Bibiana e Belonísia, narradoras da primeira e segunda parte do romance, descendentes de negros escravizados, viviam na Fazenda Água Negra, no sertão da Bahia, filhas de Zeca Chapéu Grande (José Alcino) e Salu e na última parte da obra, Santa Rita Pescadeira, a encantada.

As irmãs mantinham entre si, além da semelhança física, uma afinidade emocional que as conectava com o meio. A sensibilidade de observação do espaço em que viviam, os sentimentos em relação à terra, aos costumes, à família e à religiosidade as unificavam. Por outro lado, a personalidade e a visão de mundo pessoal vão despertando anseios diferentes, fazendo com que cada uma vislumbrasse um caminho próprio para sua vida. O capítulo inicial se desenvolve a partir da curiosidade entre as irmãs para descobrir o que Dona, avó paterna, guardava em uma mala que se encontrava sempre embaixo da cama. Após mexer nos pertences da avó, elas encontraram uma faca, extremamente amolada, evidenciando um desfecho trágico, no qual uma das irmãs perde a língua.

É importante destacar que o evento trágico entre as irmãs aumenta a dependência e a cumplicidade entre elas, principalmente na infância e na adolescência, desenvolvendo assim todo o enredo a partir das relações criadas no seio familiar, envolvendo as questões ligadas à cor da pele, às tradições da religião afro, à escravidão e a todos os reflexos daí advindos e vivenciados na sociedade.

Bibiana narra a primeira parte do livro, em que se demonstram a afinidade de laços que as uniam e a cumplicidade que se estabelece entre as duas. O trágico episódio da faca, que fez com que uma das irmãs perdesse a língua e, portanto, a voz, redimensiona a vida das duas, que, aos poucos, se ajustam a uma nova forma de comunicação entre elas e com o mundo. Uma passa a ser a voz da outra, tanto no diálogo com a família, com a comunidade, como também na pequena escola que frequentavam. Apresenta a realidade de uma comunidade negra que vive à margem da sociedade, em condições precárias de vida, sem escola, sem possibilidades de as crianças ultrapassarem a primeira infância, pois padeciam diante da ausência de condições:

As crianças eram as que mais padeciam: paravam de crescer, ficavam frágeis e por qualquer coisa caíam doentes. Perdi as contas de quantas não resistiram à má alimentação e seguiram sem vida, em cortejo, para o cemitério da Viração. As velas que meu pai acendia para cada criança pareciam não querer permanecer acesas: mesmo sem ventos ou golpes de ar, se apagavam. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 69).

É pela narração de Bibiana que o leitor toma conhecimento do modo de vida na comunidade: o sistema de exploração na lavoura, a proibição de se construir casas de alvenaria, a falta de saneamento básico, de escolas para as crianças, a ausência total de tratamento de saúde, exemplificada no episódio do incidente com a faca, em que,

pela primeira vez, a família sai da fazenda:

Nossas feridas foram suturadas, e **permanecemos juntas** por mais dois dias. Saímos com um carregamento de antibióticos e analgésicos nas mãos. [...] **Nunca havíamos saído da fazenda**. Nunca tínhamos visto estrada larga com carros passando para os dois lados, seguindo para os mais distantes lugares. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 19, grifo do autor).

Essa verdadeira simbiose entre as duas só arrefece quando, na fase adulta, cada uma busca seu próprio caminho. Enquanto uma sonha em estudar, sair da fazenda e buscar uma vida melhor, a outra, mais ligada à terra e ao lugar em que viviam, vai se moldando a uma realidade comum e inescapável à vida das mulheres da comunidade: o casamento.

Importante observar que, para cada uma delas, o casamento se apresenta com características bastante peculiares: Bibiana encontrou em Severo um amor verdadeiro e um companheiro com quem compartilha uma visão de mundo, o sentimento de pertença, a luta pelos direitos dos trabalhadores negros e, principalmente, a busca diária pela transformação da realidade da comunidade em que viviam.

Era difícil não me deixar seduzir pelos seus planos e entusiasmo. [...] Voltaríamos para retirá-los de lá. Aquela fazenda sempre teria donos e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela. [...] Às vezes me sentia mais abatida e confusa.” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p.79).

Com Belonísia, o pedido de casamento feito por Tobias deixa transparecer que a união se daria muito mais por uma conveniência do pretendente:

Em certa manhã, meu pai se dirigiu a mim, à mesa que exalava o cheiro do café fresco que Salu coava. Disse que Tobias o havia procurado com respeito, porque queria me levar pra morar com ele. Falou que o homem se queixava da solidão na tapera da margem do Santo Antônio. Que tinha muita estima e consideração por mim. (VIEIRA, 2021, p. 108).

Compreendendo que “seu defeito” seria um impeditivo para uma relação amorosa, além da ausência da irmã que sempre se prestou ao papel de intérprete e tradutora de suas emoções, Belonísia aceitou o pedido e deixou a casa dos pais para morar com Tobias em sua tapera. A chegada à tapera se viu a desorganização do lugar, a imundície do ambiente, a falta de comida, de água, comprovaram num primeiro momento, qual seria a sua função naquela casa: *“Em breve se tornaria um lugar que poderia me trazer gosto. Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam*

me ensinado, tanto em casa quanto nas aulas da professora, na casa de dona Firmina.” (VIEIRA, 2021, p. 110).

Mesmo cumprindo sua função e pondo a casa em ordem, Belonísia não recebia do marido qualquer demonstração de gratidão ou de felicidade, pois “*era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher[...]”*. (VIEIRA, 2021, p. 113). Tudo isso já é uma espécie de prolepse do que está por vir. Não tardou para que as agressões físicas e psicológicas começassem a acontecer. Não tardou também para que Belonísia tomasse consciência de sua condição e da condição de outras mulheres que viviam na mesma situação e, a partir daí, tomasse as rédeas de sua vida, de seus desejos e de suas próprias decisões.

Cada uma a seu modo, tanto Bibiana como Belonísia tornam-se partícipes importantes das mudanças que se operam na comunidade. Como professora, Bibiana ajuda a cuidar das crianças cujos pais precisam trabalhar na roça; no trabalho noturno, alfabetiza os adultos ao tempo em que, continuando o trabalho do marido, tenta conscientizá-los da situação de exploração em que vivem e da necessidade de mudanças sociais na comunidade. Por sua vez, depois da morte do marido, Belonísia assume sua independência e se volta para os trabalhos na lavoura, junto a outras mulheres, provando que a ausência de um homem não é impedimento para que sua vida se torne produtiva, e que suas ações sejam vetores de transformações sociais.

Ao longo do primeiro capítulo, Bibiana narra a figura da avó paterna, expondo o lado místico da narrativa. Donana reúne em torno dela todo o misticismo e religiosidade que permeiam a narrativa. Ela fala com mortos, recebe entidades, enxerga mortos convivendo com os vivos, ao tempo em que também se apresenta como guardiã da memória e dos segredos da comunidade e parteira que traz à vida os filhos do quilombo. A mala escondida pela avó guarda lembranças de acontecimentos anteriores que só serão entendidos pelo leitor ao longo da leitura. Seus hábitos diários de trabalho, o lado espiritual, viúva várias vezes e o amor que guardava pelos filhos Carmelita e José Alcino (Zeca Chapéu Grande) evidenciam a mulher forte e guerreira que lutava pela família e pela preservação e perpetuação dos costumes e crenças na comunidade. Foi dela que Zeca Chapéu Grande, figura primordial na construção da identidade cultural e religiosa da comunidade, herdou o conhecimento sobre as raízes, os chás, as rezas, os feitiços e os poderes para se consagrar como líder espiritual da comunidade.

Naquele tempo costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém – que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido. Pedia que o mesmo fantasma que habitava suas lembranças se afastasse das meninas. Era uma profusão de falas desconexas. **Falava sobre pessoas que não víamos – os espíritos** – ou de pessoas sobre as quais quase nunca ouvíamos, parentes e comadres distantes. (VIEIRA-JÚNIOR, 2019, p. 14, grifo do autor)

Ecléa Bosi (2013, p.45) tratando de questões relativas à memória de velhos, afirma que a memória, é mais que um reviver de imagens do passado, uma outra forma de conhecimento da história institucional que carece de pontos de vista diversos e também uma maneira de elucidar o presente.” Neste diapasão, a memória de quem vivencia é muito importante para que seja dada continuidade à realidade, de forma a impulsionar processos de mudança, sejam eles autônomos ou coletivos.

Donana se destaca na narrativa, inicialmente, pela valentia e, posteriormente, por apresentar, desde muito cedo, os pendores para o envolvimento com o sagrado e o místico. Os encantados tornaram-na curadora e guia dos espíritos em benefício daqueles que necessitavam de seus poderes. Para as dores físicas e as dores da alma, Donana tinha o poder de cura, ela que passara pelo sofrimento da loucura de um filho, a perda de dois maridos e o assassinato de um terceiro. A construção da figura da avó, envolta numa capa de misticismo, do sobrenatural, alicerçada com os fatos reais atestados por provas concretas, forjou nas narradoras a imagem de uma mulher forte, poderosa, independente e resoluta que vai, a todo momento, vinculando as ações do presente com a história passada.

Esse exercício de rememoração traz consigo a possibilidade de evocar um passado e livrá-lo do esquecimento e do silêncio. A presença constante da memória de Donana é, sem dúvida e no dizer de Paul Ricoeur (2000), *uma luta contra o esquecimento*, porque rememorar suas ações é não se distanciar dos mitos, da história de um povo, de sua cultura, de sua religião, é na verdade, contar a história a partir dos silenciados pela história oficial.

Ao longo da narrativa, vão se sobrepondo outras figuras femininas bastante significativas para a composição da trama, como é o caso de Salu. A esposa de Zeca Chapéu Grande assumia também o papel de mãe, de trabalhadora rural, de dona de casa, de benzedeira, e também de parteira, função herdada do marido. É considerada uma figura importante em *Água Negra*, sobretudo na sabedoria em lidar com as mais diversas situações, como ilustrado no trecho abaixo:

Salu adentrou a casa com **altivez e a autoridade** que emanava da sua posição de mulher do curador Zeca Chapéu Grande. De imediato, pudeentrever o transtorno na fisionomia da mulher em trabalho de parto. Incontrolável, avançou para agredir Salu [...] [...] os objetos, os xaropes de raízes, as rezas e as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos. (VIEIRA-JÚNIOR, 2021, p. 58/59, grifo do autor).

No terceiro e último capítulo, *Rio de Sangue*, que narra a morte de Severo, temos, por assim dizer, a maior inovação em termos estilísticos e narrativos. Como terceira narradora do romance e figura central para o desenvolvimento da trama narrativa, surge a figura de Santa Rita Pescadeira. A encantada conduz a trama mesclando memórias do passado dos ancestrais africanos aos acontecimentos da vida de Bibiana e Belonísia. Como entidade mais importante do Jarê ela esteve presente desde o início da narração, acompanhando os acontecimentos “montada” no corpo de Dona Miúda, quando as rodas de Jarê aconteciam, a entidade percorre a fazenda demonstrando as mudanças ao longo do tempo. Evidencia o abandono, velhice e morte dos moradores, além da distância da sonhada liberdade .

Ao rememorar sua história antes de se encantar, Santa Rita Pescadeira encarna a história de muitas famílias negras, de muitos trabalhadores escravizados, da fome e do abandono dos colonizados. É pela voz de Santa Rita que os relatos mais pungentes da barbárie da escravidão vêm à tona. A personagem passeia por todos os momentos da história e, por isso, seu relato comprova, ao longo do tempo, o sofrimento por que passaram os moradores do lugar. A voz de Santa Rita ecoa o clamor não só do povo negro de Águas Negras, mas de toda a população negra deste país que vive ainda sob o jugo do colonizador, ainda que, sob outra roupagem. “Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou o próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 2021).

Na narrativa Santa Rita Pescadeira, socializa o Jarê a partir de uma nova ótica voltada para espontaneidade de uma entidade que tudo vê e sente, desenvolvendo personalidade própria. Mesmo em alguns momentos sentindo-se sozinha, por não ter um cavalo, ela acaba encontrando novos moradores para habitar, ela reconhece o próprio caminho. Um exemplo disso, é que ao saber da vida de Belonísia, a encantada surge nos rios da vida da protagonista, ao revelar que o silêncio vem exposto a partir do contato com a natureza, afirmando que ela sentia que desde sempre o som do mundo

havia sido a sua voz. Assim, a encantada traduz para o leitor, o que as duas narradoras anteriores não expõe ao longo de toda narrativa. Ao final ela narra um final repleto de simbolismo das narradoras, que um dia estiveram juntas por um fio de corte de uma faca, perpassando por todo enredo. O assassinato do fazendeiro, por exemplo, Santa Rita incorpora em Belonísia, expondo grande carga de símbolos:

A onça caiu sobre a borda do fojo, sustentando o corpo com as garras para não ser lançada em definitivo para o buraco. Assustou-se com a armadilha escondida no meio da mata, coberta de taboa seca e palha de buriti. Há quem jure que capatazes usaram as mesmas armadilhas de caça para capturar escravos fugidos no passado. A onça caiu com as presas enterradas no chão. Retirou uma porção de terra da boca. Não, era uma armadilha tola para capturar uma caça. Mas antes que levantasse, se abateu sobre seu pescoço um único golpe carregado de uma emoção violenta, que até então desconhecia (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 261-262).

Perpassando por um passado de ancestrais, Santa Rita, carrega consigo o simbolismo e vivência de uma comunidade negra subalternizada além do sujeito que ocupa o poder. Assim, a encantada não pode ser considerada apenas, como uma forma de manifestação da crença religiosa, mas sim um símbolo de resistência e superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desse pequeno estudo com a convicção de que a obra de Itamar Vieira se consolida no universo literário como um clássico da literatura brasileira que suscitará ainda muitos e diversificados estudos, dada a sua complexidade narrativa, à sua temática inovadora e a forma como ela dialoga com a contemporaneidade, apontando, inclusive, caminhos para transformação da realidade. Nosso objetivo foi, a partir do recorte da configuração das figuras femininas, compreender de que forma a mulher negra vivencia, no romance, as desigualdades sociais e de gênero e de que forma as personagens femininas rompem com o estereótipo estabelecido para se transfigurarem em instrumentos de luta, subversão, força interna que se assemelha à força da terra. O sertão é terra de resistência e quem dele sobrevive, cresce com a aridez das lembranças difíceis, mas com o sentimento de revolta. A vida em Água Negra foi o cenário inquietante de luta e vivência de um povo que tem nas mulheres alicerce e símbolo de dor, sofrimento e luta. O fardo de nascer em uma sociedade em que a classe social e a cor falam mais alto é, indubitavelmente, o solo mais seco que o indivíduo tem que cultivar, e dele só nasce a miséria do preconceito.

Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira transfiguram todas as formas de

existência das mulheres que as rodeiam, a avó, a mãe, as vizinhas, as filhas das vizinhas. A descrição do cenário em que vivem é detalhada e constituída por uma voz (o feminino) que as agrupam, pois, suas vidas são revestidas de uma contínua força e resistência que foi passada de geração para geração.

O que foi apresentado neste trabalho é o resultado de uma análise que, para além das questões inerentes à composição narrativa da obra, nos impõe reflexões acerca da realidade vivida não apenas nas comunidades rurais e quilombolas do país, mas, sobretudo, no que diz respeito às questões de desigualdade social, da ausência do poder público nas esferas mais distantes, do preconceito, das condições de vida da mulher negra, já que todo indivíduo precisa ser respeitado e acolhido na sociedade, amparado pelas condições que lhe permita viver de forma digna.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alê apud. **Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”**. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html . Acesso em 23 jun. 2022.

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Editora Nacional, 1976, 5ª edição revista.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**: Anpocs, São Paulo, p. 223-243, fev. 1984. Anual. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf.

JÚNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2021.

Ricoeur, Paul (2000). **La mémoire, l’histoire, l’oubli**. Paris: Seuil.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** *Labrys, Estudos Feministas. Revista Eletrônica*, n. 1-2, Jul./Dez. 2002.

TEIXEIRA, Juliana Cristina apud CRENSHAW, Kimberlé. **Interseccionalidade.** Disponível em: <https://ccsa.ufrn.br/portal/?p=12453>. Acesso em 10 de Julho de 2022.

VEIGA, Edison. **‘Torto Arado’ reflete passado escravagista mal resolvido.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/torto-arado-reflete-passado-escravagista-mal-resolvido/>. Acesso em 22 abr. 2021.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina.** Caxias do Sul, RS: EdUCS, 2006.